



*O meu galho  
é na Bahia*



# Militância e populismo

*Está fora de discussão, no ambiente político contemporâneo (nacional e internacional), o fato de que não existe militância, no singular. Existem meios e modos de atuar e participar, sem que ninguém detenha o monopólio da militância. A militância partidária é uma das formas possíveis do desempenho político: a forma institucional. Mas a verdade é que se movem criativamente, no espaço social, outras espécies de militância - paralelas, auxiliares e mesmo substitutivas, em relação à militância partidária. Ou seja: a militância não é propriedade privada de ninguém.*

*Entre as militâncias paralelas, temos que sublinhar a militância da música popular brasileira. Não apenas no sentido da negatividade. Da resistência crítica ao obscurantismo e à repressão decorrentes da militarização do Estado nacional pós-64. Mas também no sentido positivo da afirmação de valores alternativos e da invenção de espaços de reflexão libertária. A música popular (inteligência e emoção mobilizadoras) esteve na vanguarda das discussões, sensibilizando as massas para as grandes questões da vida brasileira.*

*No meu caso pessoal, focalizei as massas camponesas, a religião dos oprimidos, a exploração econômica, o problema das favelas, a questão feminina, a discriminação racial, a ecologia, o direito ao bem-estar e à felicidade. Estas intervenções na realidade social do país configuram, para além de qualquer dúvida, uma espécie nítida de militância. Além disso, a exemplo de muitos dos meus companheiros (Chico Buarque, Caetano, Milton, Paulinho da Viola, etc), estive presente (na imprensa, na televisão, no palco e no palanque) nos momentos decisivos da vida brasileira contemporânea - do protesto contra as injustiças sociais à luta pela restauração da democracia.*

*Nesta minha militância transformadora, anterior ao AI-5 e ao recrudescimento da repressão, assisti ao nascimento do PMDB. E sempre me empenhei em suas lutas, no campo da política baiana, marcando presença, sobretudo no processo eleitoral. Finalmente, quando decidi disputar a Prefeitura Municipal de Salvador, oficializei minha vinculação ao partido. É tão simples assim: o PMDB como a instância institucional onde veio desembocar minha militância de décadas. É por isso que não levo a sério os que dizem que caí de pára-quadras no partido, ou que não tenho militância. É a velha cegueira partidocêntrica, quando, ao contrário, a instância partidária deve ser pensada como o lugar geométrico em que desaguam as diversas militâncias. A função social do partido é assimilar e incorporar estas militâncias, no sentido da criação de uma vontade coletiva.*

*O PMDB nunca foi, em sentido estrito, um "partido de militantes", como o PT ou o PC do B. Anos atrás, Fernando Henrique Cardoso reclamava da inexistência de uma militância peemedebista. A historicidade de nosso partido é de outra ordem. Antes que "partido de militantes", o PMDB foi frente auditatorial, abrigando diversos segmentos do pensamento democrático brasileiro. Esta natureza de frente, com sua plasticidade e capacidade de renovação, fez do PMDB o instrumento fundamental da transição democrática. E não é agora que o partido deve se fechar. Tem que estar lucidamente aberto para novos signos, novos rumos e novos riscos, ou outros ocuparão este espaço de modernidade e invenção políticas. O momento é de abrir. De exorcizar o espírito de casta e de clube privé. E de renovar o arco das alianças.*

*O que deve estar em primeiro lugar é a questão político-ideológica, não o relógio-de-ponto da máquina partidária. O sentido pleno da militância se dá no plano de intervenção criadora no real histórico e não apenas no da assiduidade a reuniões de rotina. É preciso fazer uma distinção drástica entre o partido, de um lado, e o burocratismo partidocrata, de outro. Daí que a história de um partido não seja a história de suas reuniões, mas a história de seus vínculos com a realidade. Não temos tempo a perder com os pequenos mandarins da ética corporativista. É no plano da intervenção criadora no real histórico que a minha existência política se adensa e se afirma. A substância do meu trabalho e da minha trajetória falam por mim.*

*Um outro tema que exige discussão é a questão populista. "Populismo" é uma palavra de uso fácil e definição difícil. Suas definições são muito amplas, ou estreitas demais. Cabem aí coisas tão diversas quanto o peronismo, o "socialismo africano", Fidel Castro (com sua performance política marcada pelo caudilhismo populista), o velho PTB (o novo PDT), etc. Em todo caso, se quisermos uma definição sucinta, o populismo implica conexão direta entre um povo mitificado e uma liderança carismático-*

(continua...)





QUIERO  
GIL

## ÍNDICE

Pág.

5	Discurso de Gil na convenção do PMDB	17	Armando Oliveira
7	Paulo Cesar Souza	19	Jânio de Freitas
9	Matinas Suzuki Jr.	21	Cacá Dieguês
13	Ildásio Tavares	25	Antonio Medrado
15	Béu Machado	29	Discurso de Gil na Inauguração de seu comitê



“Bom dia, gente da Bahia:

*Estou aqui com vocês, vim nesta luta política, saindo da minha comodidade, da minha redoma, protegido pelo amor e pelo carinho que vocês todos têm por mim. Eu vim aqui para abraçar uma luta política com vocês, pra renovar, pra mudar, pra criar. Mudar a política baiana. Vim aqui para transformar o discurso da mudança em um fato verdadeiro e aqui estou com vocês, pois se o projeto de assumir a prefeitura de Salvador foi rejeitado pelas elites reacionárias e preconceituosas, eu, ainda assim, prefiro o abraço popular, que é o que sempre tive e me candidato a vereador, hoje, da cidade de Salvador.*

*Estamos começando uma caminhada nova. Tudo que represento - não a minha pessoa, mas o que significo pelo que sempre lutei - significa uma luta por vocês. Coloquei meu peito à frente daquilo que fez minha cabeça e meu coração trabalharem, aquilo que é um sentimento verdadeiro e um compromisso verdadeiro com o povo, povo entendido como todas as pessoas, as mais humildes, as mais ofendidas e é isto que eu estou fazendo hoje. A minha candidatura a vereador é uma resposta e eu vou fazer da tribuna; eu que não queria vir mais, tinha sido expulso, dois dias atrás, mas volto agora ao palanque para dar ao povo da Bahia uma candidatura que nos possibilite uma caminhada de mudança verdadeira, que eu significo, junto com vocês e que é uma coisa diferente. Diferente porque é arrojada, diferente porque é nova, diferente porque sempre quis o melhor, e não temo, não perco a coragem de dizer a vocês o que tem que ser dito. E eu vim à tribuna para dizer a vocês, nesses três meses de campanha, tudo que deve ser dito. Esclarecer a vocês este processo dramático e tortuoso que foi a sucessão municipal em Salvador. Farei para vocês, dos programas de TV, dos comícios nos palanques, um esclarecimento profundo de tudo que eu vi e sei. E farei ainda mais, da Câmara de Vereadores. Serei um espaço para que vocês batalhem comigo pelo que verdadeiramente é transparência, prezada, mas não honrada por muitos. Eu não sou de palavra, não sou de falar muito. Minha vida tem sido cantar para vocês e eu vou continuar cantando para vocês. Aqueles que preconceituosamente viram na música do meu querido afro-brasileiro, afro-baiano, Riachão, uma coisa menor, a resposta a eles é a seguinte: Cada macaco no seu galho, sim, mas meu galho é na Bahia, está lá na música de Riachão, o meu galho é na Bahia e o galho deles, preconceituosos, reacionários, com preconceitos raciais e sexuais, o lugar deles é fora.*

*Isto aqui é uma sociedade plural. Tem a África, tem o índio, tem a Europa e a América Latina. Isto é a Bahia, o berço do Brasil. Uma sociedade plural, nova, que eles não têm a coragem de enfrentar, de encarar a diferença que o Brasil marca hoje no mundo. Nós vamos estar com vocês lá na Câmara de Vereadores. Dêem este voto a Gilberto Gil. Não à pessoa Gilberto Gil - este voto expressivo vocês já têm dado através de tantos anos de música popular - quero que vocês dêem agora este voto expressivo a uma política nova e corajosa. Sim, cada macaco no seu galho, mas o meu galho são todos os galhos desta árvore e eu tenho o direito de estar e trazer o povo para cada galho desta árvore, comigo. Nós somos a raiz, nós somos o tronco desta árvore, somos cada galho, todos os galhos, todos os macacos, nós, os macacos negros e mulatos da Bahia, todos nós, e todos os galhos desta árvore.*

Muito obrigado”

(Pronunciamento de Gilberto Gil, Convenção do PMDB, 7 de agosto de 1988)









“Privilégios de família se achavam estabelecidos; a adulação, e a infâmia, granjeavam votos e padrinhos (...) Eles nos estão fazendo a guerra porque são brancos, e na Bahia não deve haver negros e mulatos, principalmente para subirem a postos, salvo quem for muito rico e mudar as opiniões liberais...”. Essas frases se encontram no número de 26/12/1837 do “Novo Diário da Bahia”, o jornal que foi o porta-voz do governo rebelde da Sabinada, a revolta popular que tomou a cidade de Salvador em novembro de 1837. Inicialmente uma revolta separatista da província, a Sabinada logo tomou feições de uma revolução social, em que pobres negro-mestiços enfrentaram ricos branco-mestiços. Após alguns meses de sítio, o exército dos senhores de açúcar do Recôncavo reconquistou a cidade, numa batalha que ficaria como a mais sangrenta da história da Bahia, depois de Canudos.

Em 1984, escrevendo uma dissertação de história sobre a Sabinada (depois publicada em livro), este comentarista se surpreendia com a persistência daquele passado: a legião de subcidadãos que se vê

# Gilberto Gil e a Bahia - o velho medo do novo

**Paulo Cesar Souza**

Publicado no jornal Folha de São Paulo  
11 de agosto de 1988





nas ruas de Salvador é a mesma encontrada nos documentos da revolta, e a elite dirigente ainda é, em essência, aquela que os “sabinos” denunciavam. Como irrupção revolucionária, a Sabinada fez vir à tona profundas tensões de cor e de classe na sociedade baiana. A reivindicação de Gilberto Gil à Prefeitura de Salvador tornou evidente, na Bahia de hoje, preconceitos e posições da mesma natureza. Os nomes que vetaram enfaticamente a candidatura de Gil já eram mencionados pelos rebeldes da Sabinada.

No entanto, Gilberto Gil está longe de ser um revolucionário. Tendo vivido o bastante para perceber a inutilidade das revoluções, ele buscou se aproximar das elites baianas com tato e seriedade. Os jornalistas e os amigos que têm conversado com ele notaram sua lucidez; a consciência de saber onde estava se metendo, a que coisas teria de renunciar, os compromissos que teria de fazer. Notaram, sobretudo, a sinceridade do seu gesto. A impressão que ele deixou - e que deixa, candidatando-se a vereador - é de que está nisso para valer.

O que ele tem em comum

com os mulatos da Insurreição dos Alfaiates e da Sabinada é o mais simples: quer justiça, representação dos excluídos e condições humanas de existência - é o “feijão-com-arroz” do ideário político ocidental, desde as Revoluções Francesa e Americana. Mas numa ordem social tão perversa, as reivindicações mais elementares soam utópicas, e, colocadas por um negro, soam como insolências.

Claro que essa rejeição racial não é apenas da elite. Tendo nascido numa família baiana de classe média-média, de um lado descendente de escravos, do outro senhores de escravos, este comentarista cresceu ouvindo comentários não muito simpáticos sobre os negros. A rejeição é simultaneamente social: de um negro artista que a classe média gosta de imaginar que é maconheiro e “viado”.

Alguns delicados - entre eles este que escreve - preocupavam-se com o fato de um artista querer atuar num mundo tão diferente do seu. Temiam que ele deixasse de criar, lembravam-se do que disse Guimarães Rosa: “Para um grande artista, a política é sempre algo supérfluo”. Mas

o Brasil de hoje é bem pior do que o Brasil em que viveu Guimarães Rosa (e os sertanejos que estão no poder são bem diferentes dos dele...). Para um grande artista, a política pode ser a maneira de realizar no dia-a-dia um pouco do que os santos e filósofos sonharam para os homens. E, sendo Gilberto Gil alguém que os brasileiros jovens respeitam pela inteligência e sensibilidade, o seu interesse pela política pode ser um exemplo, numa época em que muitos dos melhores desistiram de atuar publicamente.

Já é algo milagroso a Bahia ter produzido Gilberto Gil. O conjunto das circunstâncias que deram origem a ele não é comum, a começar pelas famílias: um pai preto e médico. Talvez fosse abusar do milagre, esperar que a Bahia o quisesse como prefeito. Mas essa rejeição, da forma como ocorreu, foi expressão não apenas da miséria baiana, como do “misterioso medo ancestral ao novo”. Nesse episódio, a Bahia mostrou sua face triste para um filho que, como poucos, lhe acenou com possibilidades de alegria. ●





*“O cunhado do governador disse na Assembléia: cada macaco no seu galho; esqueceu-se do segundo verso: ‘o meu galho é na Bahia’”.*

*“O cartorialismo deu nisso: os dois cardeais do PMDB tiveram que aceitar o Fernando José que não era candidato de nenhum deles”.*

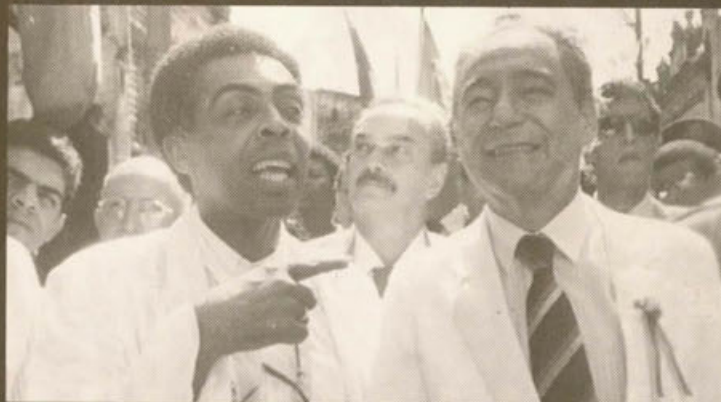
*“Tudo isto é a mesma história de Stalin contra Maiakóvski; daqui para frente, tem muita gente que dirá - eu era Gil e não sabia”.*

O cantor, compositor e ex-presidente da Fundação Gregório de Mattos, Gilberto Gil, 46, foi dormir na noite da última quinta-feira na condição de mais forte concorrente ao posto de candidato do PMDB à Prefeitura de Salvador, capital da Bahia. Acordou na sexta na condição de preterido do partido, que anunciou oficialmente, através do prefeito Mário Kertész, que o candidato a ser homologado pela convenção marcada para ontem, seria o radialista Fernando José. No sábado foi dormir outra

# **Gil seguirá na política e diz que Waldir Pires vetou sua candidatura**

**Matinas Suzuki Jr.**

Publicado no jornal Folha de São Paulo  
8 de agosto de 1988





vez como candidato: desta vez como vereador, pelo PMDB.

E foi como candidato a vereador que ele discursou ontem durante a convenção municipal do PMDB de Salvador - que confirmou para a Prefeitura a dupla Fernando José-Waldir Regis -, dizendo que veio "para transformar o discurso da mudança do governador Waldir Pires em realidade" e que a rejeição do seu nome para prefeito deu-se por pessoas "reacionárias e preconceituosas". A decisão de Gil em se candidatar a vereador foi surpreendente. Na tarde de sábado, ele reuniu-se com seus assessores mais diretos - os secretários de Kertész, Roberto Pinho e João Santana, e o poeta Waly Salomão, atual presidente da Fundação Gregório de Mattos - na casa de um amigo, em Itapoã, para comer uma feijoada. Mais sério do que habitualmente é, ele avaliava que sua trajetória - assim como os compromissos que assumiu: o casamento, a defesa de cinco anos para Sarney, a filiação ao PMDB, o terno e gravata etc - foi politicamente correta. Um telefonema do prefeito Mário Kertész para o seu Secretário de Projetos Especiais, Roberto Pinho, comunicando que o governador Waldir Pires não iria mais à convenção de ontem e que retiraria seu apoio a Fernando José, interrompeu a conversa do compositor.

Gil, imediatamente, tomou a decisão de se lançar como vereador (decisão reforçada depois de uma consulta a sua mulher, Flora). Para ele, o principal responsável pelo veto de sua candidatura à Prefeitura - que era apoiada pelo prefeito Kertész - foi o governador Waldir Pires, que também não queria a do radialista Fernando José, preferindo alguém tirado do quadro dos chamados "históricos" do PMDB. Na nota oficial que divulgou ontem, Waldir Pires explica o porquê do seu não comparecimento à convenção: "ela não expressa a vontade do partido porque ela homologa, como cartório, a vontade unipessoal. O PMDB está traumatizado e a opinião pública perplexa. A nenhum candidato votei", afirma.

Respondendo à nota de Waldir Pires, Kertész declarou que "o governador me disse literalmente que era um homem do partido e que apoiaria o PMDB. Estou perplexo ao ver um governador ter duas posições, duas palavras e dois comportamentos". O rompimento público entre o governador Waldir Pires e o prefeito Mário Kertész abre uma grande crise no PMDB baiano. Pires vai apoiar o candidato da Frente Salvador (PSDB - PCB - PC do B - PMB), Virgildásio de Sena. Mas entre os dois, através da crise detonada em Salvador, há embutido um outro confronto

mais a longo prazo: quem comandará a sucessão no Estado nas eleições de 1990.

A seguir, trechos do depoimento de Gil à *Folha*.

**"É um choque concluir que há racismo nisto"**

### Corporativismo

"Há várias questões diferentes na aglutinação de forças contra a candidatura Gil. A primeira reside no plano político mesmo, do PMDB, que tomou uma posição defensiva no sentido da candidatura ser uma postura estranha aos quadros chamados de "históricos". Esta reação existia já ainda antes de eu me definir pelo PMDB. No final da campanha, quando se evidenciava um pouco mais a possibilidade de eu ser o indicado, a coisa recrudescceu, numa atitude tipicamente de corporativismo clássico.

"Uma outra questão é o veto, que para mim, começou a se evidenciar claramente, partiu do governador da Bahia, Waldir





Pires. Isto ficou mais nítido na última conversa que eu tive com ele, na segunda-feira passada”.

### **Gradualismo**

“O governador Waldir Pires começou a questionar minha candidatura muito frontalmente, coisa que ele não tinha feito antes. Ele colocou dúvidas muito fortes, achava que a candidatura poderia ser uma explosão, mas também corria risco de ser uma implosão.

“Ele me disse: você quer ter realmente uma conversa séria? Eu disse: claro. Então ele me disse que se eu tivesse comunicado a ele, desde o início, a intenção de ser candidato a prefeito de Salvador, ele teria me aconselhado a procurar um caminho mais gradual. Ele me disse que achava que eu deveria ter procurado uma outra coisa para começar”.

### **Política clássica**

“Waldir Pires me disse que achava uma exigência um tanto excessiva eu começar me candidatando a prefeito. Aí eu lhe disse: o sr. não me disse isto nas primeiras vezes que nós conversamos, quando eu lhe comuniquei a minha candidatura. O caminho gradual não tem sido uma característica da minha vida, do meu trabalho de relacionamento com a sociedade brasileira, nas coisas que faço, nas intenções de interferências naturais da minha carreira. Não tem sido este o meu modo de atuar

na cultura brasileira, desde o tropicalismo. Aí então ele me disse: mas isto foi na sua seara, na política é diferente.”

“Eu lhe disse que não, que eu não achava que na política era diferente. A política pode se nutrir em determinadas fases deste padrão de atuação branda, mas em determinados momentos a política se faz por saltos, por atitudes renovadoras que envolvem riscos maiores, que envolvem rupturas. Ele respondeu que, na Bahia, não era o momento de se ter esta atitude. Ele disse que este momento era o de uma atitude mais “clássica”.

### **Audácia política**

“Eu disse ao governador Waldir Pires que eu achava que o mundo hoje tenta investir mais nesta audácia. E então ele me disse: é, mas aqui, na Bahia, agora, nós não podemos correr este risco de mudanças. Sua candidatura tem, sem dúvida este aspecto mais ousado, mais arrojado, ela é a mudança, mas eu não posso correr este risco. Não é Salvador, mas a questão maior da Bahia, é a ação que nós temos que ter com a possibilidade de reaglutinação das forças da direita, que ainda é uma ameaça. Então eu lhe disse: o sr. pode estar equivocado, o povo pode estar esperando um pouco mais de ousadia”

### **Veto**

“Eu tenho todos os indícios

para considerar que foi o governador Waldir Pires quem vetou minha candidatura pelo PMDB. Nesta conversa que eu tive com ele ficou esta impressão e depois vários episódios que se sucederam nesta semana, culminando com a notícia que eu tenho de um telefonema dele para o deputado Chico Pinto, no qual ele dizia que a candidatura de Gil era inaceitável”.

### **Kertész**

“Na última conversa que eu tive com Mário, há um mês e meio, no início das conversas formais que ele passou a ter com os candidatos, após a certeza de que teríamos eleições municipais neste 15 de novembro, ele me disse que estava me chamando para conversar porque eu era um candidato sério, um candidato viável, que eu era um candidato com chances reais de chegar à indicação, e que por isto, era importante me recomendar o trabalho de articulação, o trabalho de consultas amplas para que eu viabilizasse minha candidatura.”

“De Mário, pessoalmente, eu não tenho mais nada a informar, porque estas foram as questões gerais colocadas por ele. Depois, eu apenas comuniquei a ele, por telefone, o teor da minha conversa com Waldir. No final, ele se referiu a este substrato da conversa com uma frase: veja só, e o Waldir diz que não veta ninguém...”





## O que fazer?

“Daqui para a frente eu quero assumir a responsabilidade plena conferida por este gesto meu de ter vindo buscar a vida política na Bahia e de esclarecer as questões para o público. Eu quero deixar muito claro ao público, na medida das minhas possibilidades de conhecimento dos fatos, esta questão toda. O primeiro papel com responsabilidade política plena que eu deveria assumir neste momento é esta atitude de vir a público dizer tudo.”

“Este episódio todo, esta intenção trabalhada que eu tive de me candidatar a prefeito, me deu muitas lições que eu guardo para mim pessoalmente na eventualidade de eu vir trabalhar novas postulações. De qualquer maneira, eu acho que o episódio todo caracteriza uma chegada nossa - pessoal minha e de tudo que me cerca, de tudo que eu signifique, de tudo que eu simbolizo - na política real, na real política, configurando uma conquista de um território político na Bahia e no Brasil do qual eu acho que seria leviano abrir mão. O que a gente tem que fazer agora é maturar esta passagem para que ela dê frutos e a gente possa prosseguir alguma coisa política de fato”.

## Racismo

“Eu fico profundamente chocado com a necessidade de concluir as coisas desta forma, de que há um racismo subiacente no

fato do governador afirmar que minha postulação é pretensiosa ou no fato de um seu cunhado, na Assembléia Legislativa, afirmar que cada macaco deve ficar no seu galho. Levando em consideração o governador Waldir Pires, levando em consideração quadros políticos da Bahia, levando em consideração áreas da classe dirigente da cidade - de quem procurei me aproximar com toda diplomacia, com todo cuidado, com todo respeito. Eu fico muito chocado em ter que ser levado a fazer constatações deste tipo, mas também não vejo outra alternativa a não ser achar que é isto mesmo. Me parece que se configura aí um quadro de Casa Grande e Senzala, um negro que não se assume, um negro que não sabe qual é o seu lugar.”

“Eu acho que estas simplificações, frases deste tipo, são necessárias, automáticas. Eu gostaria muito que não fosse assim, que se pudesse encontrar uma complexidade maior, até inexplicável, deste fenômeno todo. Mas o que fica mesmo, só o que nos resta, a opção que nos resta para entender o episódio todo é que houve realmente o tal exercício do preconceito racial, por um lado, e do preconceito social, por outro - e isto atinge profundamente também a candidatura de Fernando José”.

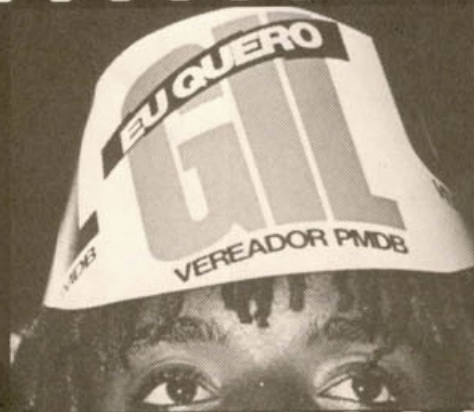
## Brinco

Houve outros episódios também. a menção do meu brinco

pelo presidente do PMDB da Bahia, o deputado Luiz Leal, que disse literalmente que a Bahia não aceita homem de brinco. Tudo isto caracterizando também um preconceito sexual muito forte. Eu gostaria muito, por uma característica receptiva, cordial, cordata, compreensiva, diplomática, conciliadora - todas estas dimensões que são muito nítidas e muito claras na minha personalidade - eu gostaria de ter uma outra maneira de concluir, mas não tenho”.

## PMDB

“Foi extremamente salutar que eu tenha optado por uma ortodoxia política. O fato de ter me filiado a um partido como o PMDB, o fato de ter enfrentado todo este jogo, o fato de ter vivido e ter me submetido a tudo isto - e de, ao mesmo tempo ter sido uma alternativa real de poder; minha candidatura não era um protesto - fica claro que o serviço prestado à causa da renovação, da transparência, do aprimoramento político do país foi bem mais servido escolhendo esta alternativa que pôde revolver com esta profundidade o terreno da questão política no país, mais do que qualquer outra alternativa “clássica”. Eu acho que o serviço prestado foi absolutamente correto. A opção pelo PMDB foi correta na medida em que hoje podemos prestar à Bahia e ao Brasil o serviço deste esclarecimento”.





*Quando medito sobre as causas reais que levaram as diversas facções políticas a riscar o nome Gilberto Gil do rol das possibilidades eleitorais, receio estar diante de um paradoxo digno da literatura do absurdo: ele foi queimado justamente por ser o melhor candidato; em política pode-se fazer tudo, tudo mesmo, menos dar uma chance ao melhor candidato de se eleger.*

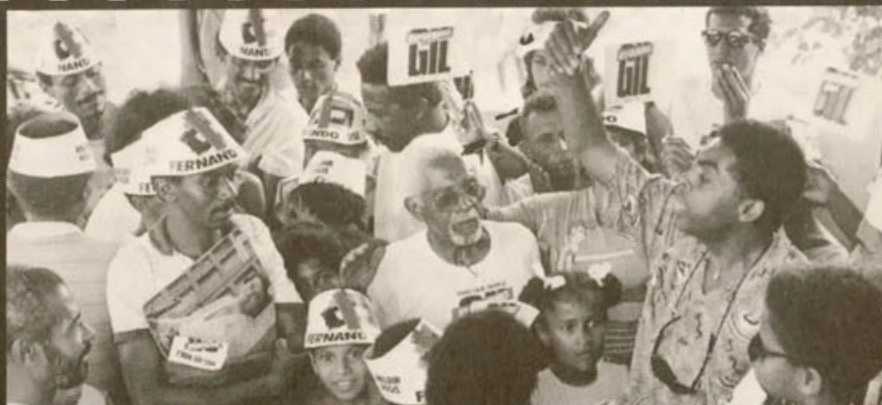
*Não será o melhor candidato, pois, o mais bem aparelhado intelectualmente? Este então verá toda a idiotice de uma política cuja meta é a aquisição do poder, em primeiro plano, e em segundo a sua manutenção - o poder pelo poder; o poder que se espicha; se elastece; se eterniza. Pior ainda se ao seu intelecto soma-se uma boa dose de escrúpulos. Este candidato será mormente perigoso pois poderá periclitir em esquema de poder, viabilizando não as prioridades eleitoreiras, mas as prioridades humanas a que visa como genuíno líder, como cidadão bem intencionado. O melhor candidato terá contra si sua moral, sem intelecto.*

*Não será melhor candidato, pois, o que mais próximo se coloca do povo por sabê-lo bem sentir, mas ao mesmo tempo não perde o toque de fidalgo por não trair sua educação esmerada, mostrando que não é preciso ser grosso para ser povo, nem subserviente às etiquetas para ser fino; nem bajulador submisso*

# *Não apenas Gilberto Gil- perdemos todos nós*

**Ildásio Tavares**

Publicado no jornal *Tribuna da Bahia*  
9 de agosto de 1988





para granjear o respeito do Poder? E por isso mesmo atrai a atenção de tudo e de todos e passeia seu carisma sobranceiro em respeito adquirido e em liderança natural?

Não será melhor candidato aquele que desde cedo em seus contactos com os políticos demonstra estar bem aparelhado como político - o que ofende os que se sabem toupeiras - forçando-os a inventar falsas histórias de incompetência política? Não é o melhor candidato aquele que surpreende os administradores ao mostrar seu conhecimento da cidade, sua visão dos problemas da mesma, ao deixar bem claro que está bem aparelhado para governá-la?

E além do mais é um negro, pretendendo governar uma cidade negra, um representante, por conseguinte, da maioria, nesta cidade; alguém perfeitamente encaixado dentro do conceito democrático de representatividade. Tudo isso fala mais alto do que os tolos pretextos com que tentaram jogar sua condição de artista contra sua condição humana, como se isso fosse possível.

Relembro isso tudo agora para que melhor percebam como Gilberto Gil foi queimado crua e inexoravelmente neste jogo político de mediocridades, em que conta muito mais astúcia do que a inteligência, a hipocrisia do que a sinceridade, a possibilidade da rasteira do que a possibilidade do

soco na cara de frente. Queimaram Gilberto Gil, caríssimos leitores, justamente porque era o melhor candidato.

E como melhor candidato, subiria ao poder respaldado pelo apoio popular que senti inúmeras vezes nos contactos que tive junto com ele com pessoas do povo, garis, bombeiros de postos de gasolina, gente anônima da rua, todos unânimes em votar, mais do que isso em batalhar por Gil. Subiria ao poder respaldado pela classe média que logo se identificaria com seu verdadeiro discurso de mudança; com seu genuíno desprezo a estruturas podres. Subiria mais livre, pois, independente das articulações espúrias que levariam outros ao poder, mas submissos a seus padrinhos. Gil não abaixou a cabeça para ninguém. Não acenou com a sua dignidade como mercadoria na praça. Nada ofereceu de antemão para obter o apoio de **a** ou de **bê**. Todos percebiam a força de uma candidatura que crescia avassaladoramente dia a dia. E todos se assustaram, caciques à frente.

O poder se conquista num jogo de trocas, cacife por cacife, toma lá dá cá. Que fazer quando surge um político que desrespeita - não a política, pois está no jogo - mas a política no seu sentido mais mesquinho e conservador? Mas a política enquanto jogo de apenas articular-se para chegar ao poder? Queimá-lo, é evidente,

pois se chegar ao poder, provando que é possível fazê-lo jogando limpo, eles, os raposas de todos os partidos estarão derrotados para sempre. Ficará claro o seu papel conservador e reacionário quando não a sua pusilanimidade em não abraçar o verdadeiramente novo; em não apoiar quem quer construir, estribado em remexer o velho para de lá tirar o genuinamente novo.

A Bahia perde a chance de ganhar consideráveis avanços sob o comando de um dos seus mais ilustres filhos e para amenizar isso, municiou-se de um farto cabedal de desculpas - todas com um ranço reacionário e maniqueísta, alguns, artistas e intelectuais, escudando-se em seus próprios defeitos; baseando-se em seus próprios defeitos para atirar pedras em Gil.

Perde a Bahia, sim, mas o pior é que não perde inconsciente; é que não perde sem saber - o mais ridículo é que perdeu a chance de contar com um de seus grandes filhos no poder assistindo a um deliberado, frio, maquiavélico, inescrupuloso processo de crucificação - sem sequer chiar? - não de um seu filho, como mãe dê piedade, mas de todos nós, de nossos projetos, de nossos sonhos, da Bahia enfim, posta no madeiro, mais uma vez, pela força de interesses políticos menores; pela força do jogo do poder. ●





*A TARDE - Você falou de Waly. Fale agora de outro amigo seu, Gilberto Gil. Como você está vendo essa sua predisposição de chegar a ficar à frente da administração municipal?*

Caetano - Eu acho que a Bahia tem uma oportunidade agora de pagar pra ver uma coisa dessas que acontecem muito raramente. Se não pagar para ver é porque as resistências covardes terão sido maiores do que a capacidade de enfrentar as aventuras realmente brilhantes. A candidatura de Gil à Prefeitura do Salvador é um sucesso indiscutível, em São Paulo, no Rio, em Londres, em New York, em Paris, é um acontecimento aprovado e atraente pra todos aqueles que de longe acompanham o que se passa na Bahia. No entanto, dentro da Bahia, como não podia deixar de ser, é onde ela encontra maiores resistências, porque aqui não se trata de uma idéia, se trata de um fato e de pessoas reais, que vão comprometer seus interesses. Aqui é que o Gil é candidato, aqui é que ele poderá ser eleito e aqui é que as pessoas tem o rabo

*Trecho de entrevista de  
Caetano Veloso a  
Béu Machado*

*Publicado no jornal A Tarde  
9 de março de 1988*





preso. Eu, como tenho o rabo solto, acho que tenho a obrigação de pagar pra ver e a obrigação de considerar covarde quem não paga pra ver uma coisa como essa. Porque não há uma argumentação razoável contra a candidatura de Gil à Prefeitura do Salvador, a não ser aquelas primeiras argumentações que apareceram quando ele logo apareceu com essa idéia de se ligar à política, que foi a preocupação dos familiares e dos amigos mais íntimos: “Puxa, Gil, mas você se meter numa coisa tão terrível como política?”. Esse foi o único argumento que apareceu contra a candidatura de Gil pertinente e ele soube debatê-lo em conversas privadas tão brilhantemente que, para mim, ele matou o único argumento contra a sua candidatura à Prefeitura do Salvador.





*Misto de desapontamento e alívio, assim recebi a exclusão de Gilberto Gil da chapa peemedebista que disputará a sucessão municipal.*

*Desapontamento porque a presença de Gil enriqueceria o processo político baiano, algo de novo no front municipal, e rara oportunidade de se conferir sua sensibilidade artística e humanística posta a serviço da causa pública.*

*Acho que a Bahia inteligente perdeu muito com o descarte da sua candidatura.*

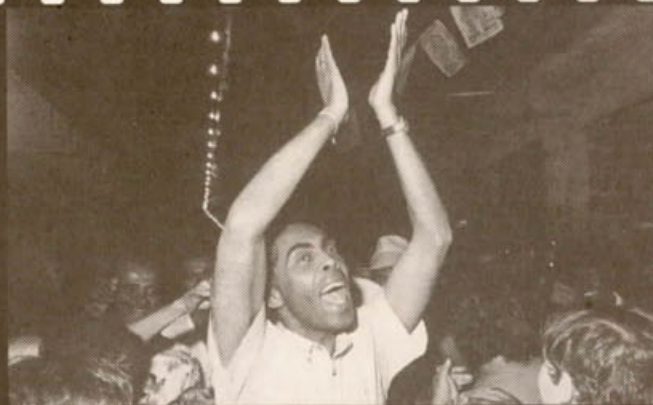
*Ao mesmo tempo alívio, na medida em que ele sairia muito machucado da experiência, sofrendo não apenas na pele, mas nos seus devaneios poéticos, a sórdida campanha que os adversários aprontariam.*

*Sobretudo a consta-*

# *Badogues e vidraças*

**Armando Oliveira**

*Publicado no Jornal da Bahia  
10 de agosto de 1988*





tação de que vivemos numa sociedade extremamente preconceituosa, a tão decantada descontração baiana não passa de mera justificativa para a barbárie no atacado.

Seu brinco, sua cor, seu gestual suplantariam, na pobre cabeça dos pobres de espírito, uma carreira artística sempre vinculada ao social, ao novo, colocando em segundo plano a bagagem cultural e a qualificação administrativa construídas nos palcos do mundo e nos bancos universitários. Gil é preto, Gil fala denso, Gil já puxou fumo, a velha **moral de jegue** baiana exercitada na plenitude, como se todos pudessem atirar a primeira pedra contra uma árvore que só tem dado bons frutos.

Melhor pra ele, pior

pra Bahia, o que se há de fazer?

Sobrou pra Fernando José, velho companheiro de labutas radiofônicas com um aprendizado recente das artimanhas políticas, carregando algumas toneladas de responsabilidade.

Trocando o cômodo papel de badogue pela fragilidade das vidraças, Fernando ganhou o povo no bico, denunciando com indiscutível talento nossas mazelas urbanas e sociais.

É um estranho no ninho, como seria Gil, e terá que enfrentar a rejeição dos **profissionais**.

Ninguém nasce político, trata-se de um currículo difícil, penoso, mas Fernando sempre foi bom aluno.

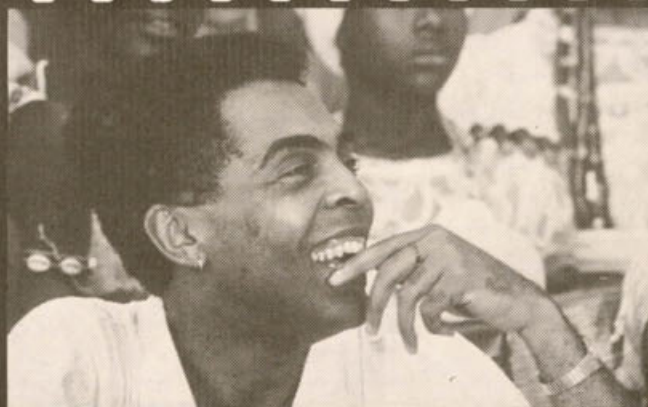
Superada a batalha da indicação, cabe-lhe explicar aos seus milhares de fãs que não

vai baratear o custo de vida, regular seu Mamede, acabar com as filas nos terminais e transformar o pau que mata a cobra numa varinha de condão infalível.

Gosto dele de graça, mercê do bom convívio profissional e da amizade recíproca, sem qualquer pretensão a nível de participação administrativa, nasci badogue e badogue morrerei.

O pega eleitoral não vai ser moleza, o sentimento oposicionista que elegeu Mário fracionou-se em várias candidaturas, ser governo, na atual conjuntura, é uma pedreira.

Caso eleito, Fernando poderá ser um notável prefeito desde que traduza em ação administrativa seu extraordinário sucesso na área da comunicação. ●





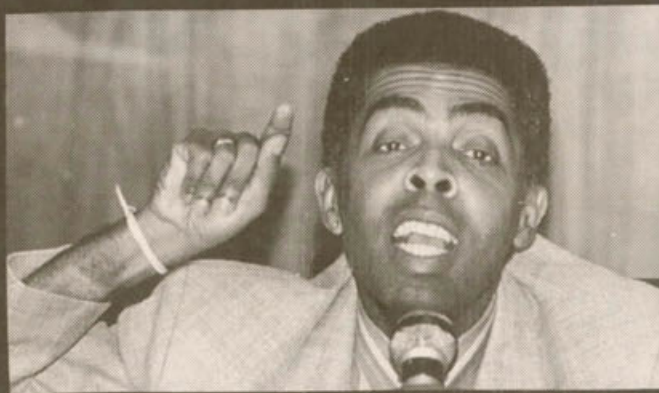
Ainda antes de se esboçar a questão eleitoral em Salvador, já o governador Waldir Pires preparava o rompimento com o candidato peemedebista, qualquer que fosse, e seu apoio ao candidato do PSDB. Ao pastorear a saída de dois dos seus mais fiéis liderados, Virgildásio Sena e Jorge Hage, do PMDB para o PSDB, dava já indicação clara de seu próprio destino.

Aberta a escolha do candidato peemedebista, Waldir Pires jogou

# Preconceitos sem conceitos

**Jânio de Freitas**

Publicado no *Jornal da Bahia*  
9 de agosto de 1988



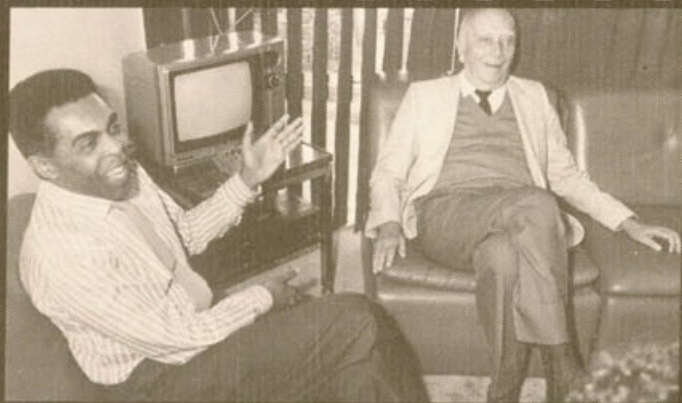


sempre na inviabilização. Primeiro, insistindo longamente na candidatura do ex-ministro Roberto Santos, que logo de saída recusara, com toda a firmeza, sua indicação. Depois, passou a insistir com o prefeito Mário Kertész para aceitar o impossível: ter como candidato uma pessoa que ele havia exonerado da prefeitura. Quando supôs que Kertész se convencera da falta de condições para lançar Gilberto Gil, Waldir chamou o cantor para dizer que, a depender dele ali estava o

candidato. Surpreendido com o iminente lançamento de Gil por Kertész, chamou-o outra vez, porém para vetá-lo com o argumento de que era inaceitável sua precipitação de começar a vida política a partir de cima. A várias pessoas, disse que o candidato devia ser o radialista Fernando José (líder nas sondagens eleitorais), que, no entanto, Kertész teria dificuldade de propor ao partido. Lançado então Fernando José pelo prefeito, o governador

o considerou inapoiável e anunciou o apoio ao candidato de outro partido. O do PSDB, claro (por ora, Virgildásio Sena, talvez, no final, Jorge Hage). Cada qual escolhe seus métodos. Mas Waldir Pires não deveria permitir que seus correligionários revestissem a manobra com os intoleráveis aspectos de preconceito racial que evidenciou.

O governador Waldir Pires ainda não foi para o PSDB, mas já está nele há muito tempo. ●





Para os velhos mandarins da política, renovadores como Gilberto Gil devem limitar-se a bater o bumbo em seus palanques

*Poeira que levantou por causa da ventania que o seu samba provocou*

**Gilberto Gil**

*A trama contra a candidatura de Gilberto Gil à prefeitura de Salvador é um episódio político negativamente exemplar. Além do enjôo e da repulsa que nos causa, há duas ou três lições a tirar.*

*A primeira - e óbvia - é a constata-*

# Rejeição por medo

**Cacá Diégues**

*Publicado no Jornal do Brasil  
14 de agosto de 1988*





ção de que, dentro dos partidos e entre os políticos brasileiros, muito pouca gente deseja mesmo mudanças pra valer. A retórica pode às vezes até enganar; mas a estrutura mental que a produz, não. De que adianta um discurso de “esquerda”, se o lugar ético e cultural de onde ele é proferido, a estrutura inconsciente de onde ele parte, são essencialmente reacionários?

A rejeição a Gil não foi somente política, no sentido partidário, vulgar e mesquinho do termo. Ela foi sobretudo psíquica e cultural, comandada pelo medo ao que não é convencional e que,

por ser experimental, não é controlável. O medo terrível dos que não suportam o que não está previsto, evitam tudo que se destine a transformações que ainda não foram testadas. O medo das surpresas.

O episódio nos põe, mais uma vez, diante do dilema da inteligência contemporânea, no Brasil e no mundo: qual será, sobretudo entre nós, a ação política correspondente às novas intuições que já circulam por dentro da música popular, cinema, teatro, literatura, jornalismo, e que esbarra sempre no lugar-comum, nos preconceitos, na superstição ideológica das estruturas

reais existentes, à direita ou à esquerda?

Talvez tenha sido pensando nisso que Gil, num procedimento muito seu, precedeu a candidatura de gestos conciliatórios, tentativa de entender a prática do conformismo, visitando chefões, ouvindo mandarins, prestando todas as homenagens formais que o sistema poderia pensar em lhe exigir. Ainda assim não o julgaram “preparado”, pediram-lhe uma espécie de “escolaridade política”, do bê-a-bá partidário à glória do mandato na graduação.

E aqui, uma lição importante: que perversão é essa que





pretende nos impor que, para representar o povo, é preciso ser um “político de carreira”? O que é isso, senão outra forma de autoritarismo, trocada apenas a casta no poder? A verdadeira representação democrática é feita pelos melhores cidadãos da comunidade, tenham a origem social e profissional que tiverem, e não pelos que a ela se acostumaram pela inércia. Não será se aperfeiçoando em trampas partidárias e golpes eleitorais que o candidato representará melhor a sociedade, seja em que instância for. Aliás, tal perversão tem sido justamente, um dos motivos pe-

los quais, mais do que nunca, os brasileiros perenizam o costume de desprezar os seus “representantes”.

Propondo-se candidato a prefeito, da maneira como se propôs, com transparência e até mesmo inocência, Gil estava propondo trazer para a prática pública um pensamento que ele produziu, testou e desenvolveu em anos de corpo-a-corpo com o povo brasileiro, através de seus textos e canções.

Naqueles e nestas, Gil foi um dos primeiros intelectuais brasileiros a anunciar a morte de um modelo de Brasil culturalmente pastoril e agroexportador,

reivindicando sua cosmopolitização como preparação para nossa entrada no Século XXI. Seu papel de ponta foi sempre o da negociação ousada entre tradição e ruptura, entre a consciência aguda da dor social e a necessidade de construção de novas utopias prazerosas. Utopias onde vida e cultura, assim como política e comportamento, estejam necessariamente na mesma rota, sob pena de alienar alguns elementos entre as múltiplas hipóteses de felicidade do ser humano.

Gil sempre foi e continua sendo um dos profetas brasileiros dessa mágica conciliação entre





sonho e realidade, entre o delírio de um e a felicidade de todos. Talvez por isso seja às vezes tão mal compreendido, tanto pelos populistas que não acreditam na raiz do homem, quanto por alguns artistas elitistas que estranham os rumos originais de sua vida generosa, reclamam de sua nítida vitória sobre os limites do palco e dos estúdios.

O mesmo motivo que o faz ser temido e preterido por homens públicos que ainda se alimentam de suas rixas arqueológicas, seus desinteressantes confrontos paroquiais. Os mesmos homens que, como tantos outros iguais

a eles pelo Brasil afora, cortejam a presença em seus palanques, de artistas e intelectuais como Gil, que empenham o amor de seu público na defesa de causas que, como cidadãos julgam justas. E, aí o episódio nos ensina outra amarga lição: gente como Gil serve para subir nos palanques e pedir votos para os "profissionais", mas não para si mesmos. Excelentes eleitores, eles são inelegíveis - na Casa Grande, só entram quando tem festa, para bater o bumbo para que os senhores dancem.

Infelizmente, os políticos baianos não permitiram à

Bahia dar esse presente e essa esperança ao resto do país tão desiludido; preferiram, à coragem do inédito, a melancolia das que-relas paroquiais de sempre. Resta-nos a indignação pelo que aconteceu e a admiração diante da integridade de Gil, que continua sua luta, candidatando-se a vereador.

No Brasil, nestes últimos tempos, temos votado por medo ou por respeito; às vezes, até por conveniência. Precisamos conquistar o direito de votar por amor. Que nos deixem votar em quem amamos. ●





A Bahia - ou, pelo menos, sua parte mais criativa - está triste. E também envergonhada com uma postura, assumida à sua revelia, que resgata em sua acepção mais humilhante a expressão usada muito tempo pelos cariocas para descrever o comportamento canhestro dos nordestinos e nortistas que iam tentar a vida na antiga capital administrativa: baianada. Mais do que uma disputa política, a campanha que resultou na não-indicação de Gilberto Gil como candidato do PMDB à Prefeitura de Salvador converteu-se em aberta *struggle for life* ideológica, entre vencedores e derrotados, famosos e anônimos, brilhantes e mediócras, aptos e inaptos na mais estrita acepção darwiniana.

**PERSONAGENS** - Tudo girou em torno de Gilberto Passos Gil Moreira, uma das glórias da arte brasileira, autor de algumas das mais belas músicas feitas neste país, dono de extensa cultura livresca e de vida, confinado e exilado pelo governo militar, conhecido do Piauí ao Japão. Um vencedor. Pedro Irujo, espécie de Roberto Marinho a nível regional, é um basco, ao que consta, expulso pelo governo franquista, que chegou, viu e venceu na Bahia, e hoje disputa com o ministro Antônio Carlos Magalhães a condição de mais influente titeriteiro da política do Estado. Aptidão comprovada como empresário e político.

Prefeito biônico durante um dos mandatos de governador de Antônio Carlos Magalhães - com quem rompeu e, de acordo com alguns rumores, encontra-se agora secretamente -, Mário Kertész continuou abrindo caminho com um pragmatismo que, às vezes, choca até seus próprios correligionários. Vaiado ainda no primeiro ano de sua administração como prefeito eleito diretamente, deu a volta por cima, impulsionado principalmente pela revolução que está operando em Salvador com a chamada "fábrica de cidades", ágil e azeitada máquina de produzir escolas, passarelas, passeios para as praças, sanitários públicos, chapas para

# Sururu na Bahia

A não-escolha de Gilberto Gil cria o maior rebú

**Antonio Medrado**  
Publicado na revista *Afinal*  
16 de agosto de 1988





contenção da encosta de rios que foram a pedra no sapato de administrações sucessivas, lastros por onde passarão os chamados bondes modernos etc. Tudo comandado por um engenheiro chamado carinhosamente de "Doutor Lelé", que também foi o responsável pelos CIEPs e pelo Sambódromo de Leonel Brizola. Mário Kertész tem demonstrado inegável aptidão política, tanto que tirou do governador Waldir Pires o cacife para impor o candidato do PMDB à Prefeitura de Salvador.

**A COBRA E O PAU** - Foi rápida a ascensão do radialista Fernando José, escolhido por Mário Kertész, ao que consta, por imposição de Pedro Irujo, proprietário das cadeias de rádio e televisão para as quais trabalha. Começou com um programa de rádio de cunho popular, denunciando buracos, falta d'água etc. O programa emplacou, e ele o levou para a televisão, fato que foi anunciado em outdoors dentro do melhor estilo do deboche baiano: "No rádio, ele mata a cobra; na televisão, mostra o pau".

Ministro de João Goulart e de José Sarney, Waldir, a exemplo de Pedro Irujo, é também um empresário competente, além de fazendeiro. Como governador está sensivelmente desgastado, talvez por culpa maior do excesso de amadorismo e academicismo de sua assessoria de comunicação, que não consegue passar para o público, principalmente para o povão, as realizações positivas de sua administração, especialmente no setor do ensino, onde, como um furacão, sua secretária de Educação, Mariaugusta Rocha, promoveu verdadeiro saneamento financeiro e moral, para desespero dos políticos clientelistas. Seu governo criou ainda o Tribunal de Pequenas Causas, no qual, pelo menos em teoria, os pobres podem denunciar diretamente a um juiz possíveis violências policiais e recorrer de decisões de uma justiça com carta marcada.

Depois de se ter convertido em uma espécie de asilo de múmias recalcan-

tes na administração passada, a Fundação Cultural do Estado - tendo à frente Florisvaldo Matos, professor e guru de mais de uma geração de jornalistas da Bahia, muitos dos quais estão hoje no Rio e São Paulo - começa a decolar, bancando projetos de cultura dinâmica, em oposição à de sarcófago. Outro ponto positivo do governo de Waldir Pires é exatamente o que mais lhe acarreta críticas, inclusive de alguns partidários e até auxiliares muito chegados: o saneamento financeiro em todos os níveis, feito com "zelo de governanta".

Com respeito à sucessão estadual, circulam rumores de que mesmo parlamentares do PMDB já apostam na dupla Pedro Irujo/Joaci Góes (este último é deputado federal e também proprietário de um jornal) como alternativa mais viável, implícito aí o atropelamento de Waldir, para evitar que o ministro Antônio Carlos Magalhães retome o poder na Bahia. De acordo com o prefeito Mário Kertész, Waldir vetou o nome de Gil, o que foi confirmado pelo compositor na convenção do PMDB e através dos meios de comunicação.

**OS NOMES DOS BOIS** - Roberto Santos é um dos outros políticos que rejeitaram a candidatura Gil. Filho do falecido reitor Edgar Santos, em cuja gestão, entre outras coisas, a Bahia, com o maestro Koellreuter à frente, teve a melhor orquestra sinfônica do Brasil, além do mais importante núcleo de compositores eruditos, competindo só com o de Santos, em São Paulo, Roberto Santos, apoiando-se no prestígio do nome do pai, foi governador biônico no governo do general Geisel. Cacife político: nunca conseguiu se eleger a nada.

Homem de confiança de Washington na comissão Econômica para a América Latina (CEPAL), ex-assessor do ministro Shigeaki Ueki e, por muito tempo, considerado um dos nove maiores economistas do mundo, Rômulo Almeida, um ex-getulista é sempre ouvido pelo PMDB, em cujo âmbito é considerado uma espécie de vestal. Há muito se dissiparam os ecos da denún-

cia, que ele não conseguiu rebater, de que uma firma sua de assessoria de empreendimentos carregava recursos da Sudene para o Centro Industrial de Aratu mediante o recebimento de uma comissão de 30%. Consta ter sido um dos que vetaram Gil.

Político inexpressivo, de quem não se conhece um único discurso no Congresso, Jutahy Magalhães também fez carreira à custa do nome do pai, o general reformado Juraci Magalhães, que se celebrizou com a frase: "O que é bom para os Estados Unidos é bom para o Brasil". Ex-Arena e PDS, como Roberto Santos e Jutahy, Luiz Viana Filho foi governador biônico e ministro do marechal Castello Branco - leu, inclusive, os primeiros atos de cassação, de parlamentares muito citados por Waldir quando acusa Kertész e Gil de estarem conspirando contra o passado histórico do PMDB. Cacife político dos dois últimos: têm eleição garantida nas regiões de seca, onde se estabeleceram há séculos os redutos vulgarmente chamados de "currais eleitorais". Atualmente, os três se converteram em firmes defensores da "historicidade do PMDB", onde estão há mais de dois anos, tempo suficiente para doutor Ulysses perdoar a Roberto Santos ter mandado a polícia recepcioná-lo com cachorros, quando governador.

O que deixou Gil mais magoado foi o veto atribuído ao governador: "Além de questionar minha candidatura frontalmente, alegando que eu deveria começar de baixo, como vereador, eu sei de um telefonema dele (o governador) para o deputado Chico Pinto, declarando minha candidatura inaceitável", disse o compositor à *Folha de S. Paulo*.

Acusado por alguns partidários do governador de haver indicado Fernando José em troca de uma promessa de apoio financeiro e jornalístico de Pedro Irujo para sua futura campanha a governador, Mário Kertész foi à televisão e, na sua linguagem direta, revelou que também Waldir fora apoiado financeiramente pelo empresário basco. "In-





clusive, a festa da vitória foi feita na casa de Pedro Irujo”

**DE BRINCOS E GRAVATAS** - O histórico Luís Leal - político provinciano que capitaliza, sem muita competência, o fato de ter sido cassado pelo governo militar - não se chocou tanto com o instrumento de trabalho de Fernando José quando mata seus ofídios quanto com o brinco de Gilberto Gil. Cacife político: depois de derrotado para deputado federal, preferiu a segurança de uma cadeia na Assembléia Legislativa. “A Bahia não aceita homens de brinco”, bradou. Tradução: se indicado um “histórico”, ele tinha assegurada uma secretaria do Município.

O brinco, aliás, foi o mais condenado apêndice de Gil.

Uma simples questão de preferência por esse ou aquele fetiche. Em nenhum momento evocou-se que o presidente da França usava gravata; a rainha da Inglaterra, coroa ou chapéu; Shimon Peres, solidéu; o papa, crucifixo. Logo quem, “um cantor” (traduza-se: alguém já com um patrimônio querendo tomar o emprego de um político profissional). E que não entende de administração (Gil é formado em Administração de Empresas, com know-how de ex-funcionário da Gessy Lever). Nenhuma menção a Ronald Reagan, o ator inexpressivo que preside agora a nação mais armada do mundo, com visíveis sinais de esclerose, que erra na leitura dos discursos que lhe preparam e tem como guru um pastor alucinado que defende o Armagedon.

Falou-se também, com base numa suposta posição radical de Gil, que, com ele, Salvador poderia se converter numa “república negra”, com negros e mulatos talvez estuprando impunemente mocinhas brancas. É possível que essas zelosas pessoas não quisessem repetir aqui o erro dos que elegeram Menahem Beguin e Itzhak Shamir, antigos chefes de dois violentos grupos terroristas que atuavam na Palestina antes da criação do Estado de Israel - a Irgun e a

Stern - e responsáveis pelo massacre sistemático de palestinos como primeiros-ministros. Pesou muito contra Gil o fato de, como presidente da Fundação Gregório de Mattos, ter tombado alguns terreiros de candomblé, dando-lhes o mesmo status dos outros templos religiosos - igrejas católicas, sinagogas, mesquitas etc. Ficou claro, portanto, que o tão famoso sincretismo religioso da Bahia só é tolerado a nível de folclore.

**QUATROCENTÕES** - A preocupação com uma possível ratificação pelas urnas da hegemonia da cultura negra partiu principalmente de etiquetas tradicionais, algumas mais que quatrocentonas, muito ciosas do legado de seus ascendentes - isto é, ilustres traficantes e assassinos de negros e índios, entre os quais alguns cristãos novos que abjuraram sua primeira fé para fazer carreira na Terra de Santa Cruz; mascates e tropeiros que penetraram o Brasil demarcando como seu tudo que suas alimárias podiam alcançar; garimpeiros que bamburraram bafejados pela sorte, sem falar no colaboracionismo com os holandeses, no caso de nomes oriundos de Pernambuco.

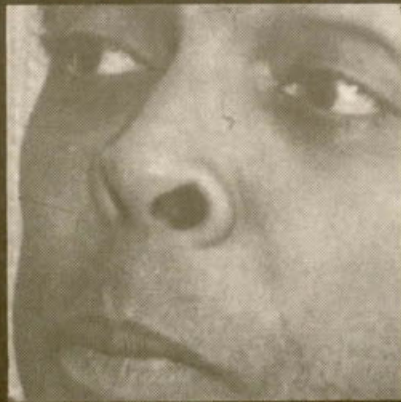
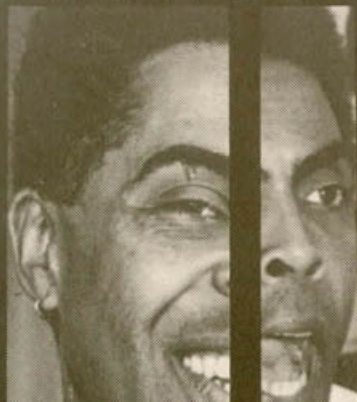
“Se a escolha não tivesse sido feita através de um sistema menos viciado, o vitorioso seria Gil. O prato já vem pronto dos palácios. O povo só faz garimpar. Veja os nomes que estão aí há décadas”, declarou Anísio Félix, por duas vezes presidente do Sindicato de Jornalistas Profissionais da Bahia e ex-integrante da direção da Federação de Jornalistas Profissionais do Brasil. Candidato a vereador pelo PDT, ele isentou, no entanto, o governador Waldir Pires de um veto direto à candidatura de Gil.

E o suposto homossexualismo? É claro que Gil não poderia ser poupado por, entre outros que nunca foram notados, tímidos onanistas que desmaiam em seus altares particulares pelas Brunet, Evans e Raia - mulheres, aliás, que o compositor já viu a menos de 500 metros.

**FIGURANTES** - Para resumir, ao escolher Fernando José em troca de uma possível promessa de apoio à sua futura campanha para governador, o prefeito Mário Kertész fez exatamente o que se espera de um político pragmático. Se Pedro Irujo, como empresário de rádio e televisão, impôs seu candidato, não fez mais do que exercer, sem violentar qualquer regra de livre iniciativa econômica, o poder adquirido como empresário de rádio e televisão. Se Fernando José brigou e conseguiu ser o escolhido, provou sua competência ante assessores de comunicação para os quais São Tomás de Aquino é vanguarda, Marx é extraterreno, o disco laser é um grande compositor e cibernética, informática, semiótica, grafite, camisetas com mensagens, televisão, vídeos, canhões de laser, psicologia de massa etc. são coisas do demônio.

O professor Waldir Pires é um burguês liberal - como Franco Montoro, Fernando Henrique Cardoso, Mitterrand, Willy Brandt, Felipe González, Hans-Dietrich Genscher, Francesco Cossiga, o assassinado Olof Palme -, e reagiu com a coerência esperada de um burguês liberal quando se vislumbra mudanças, que possam ameaçar, mesmo de longe, os seus interesses. Da mesma forma, todos os outros com nomes, agiram de acordo com suas ambições.

A surpresa (talvez nem tanta) ficou por conta de figurantes anônimos que, passando os pés pelas mãos, assumiram a condição de estrelas do vergonhoso espetáculo de recalque e racismo, em que valia qualquer argumento. Vejamos este: se Gil fosse o indicado, a prefeitura seria dominada por sua equipe. Ou seja: Wally Salomão - poeta, ensaísta, autor das letras de alguns sucessos de artistas como Bethânia, Gal Costa, Macalé, Luís Melodia, entre outros, coordenador do carnaval de Salvador, um dos raciocínios ágeis e brilhantes do Brasil; Antônio Risério - poeta, ensaísta, autor de livros-chave como *Carnaval Ijexá*, editado na Bahia - com a cola-





boração dos irmãos Campos e de Décio Pignatari, aos quais é ligado - da extinta revista *Código*, tão apto que se dá ao luxo de não assinar músicas que se converteram em sucessos nacionais.

São ainda da equipe de Gil o artista gráfico Rogério Duarte, considerado um dos maiores do País, poeta, agitador cultural, um dos nomes de peso do movimento tropicalista e, numa de suas últimas, responsável pela sugestão de que Gil se candidatasse mesmo a vereador, como queria o governador; João Santana - jornalista, letrista de alguns sucessos de Moraes Moreira, secretário de Comunicação da Prefeitura. Todos vencedores, como se vê.

**THE SONG LINGERS ON** - Caem como uma luva em tudo isso os versos do compositor norte-americano quando diz: "*Thus a melody dies/The song lingers on*" ("Morre a melodia/Mas a canção permanece"), lembrança que o

interruptor do rádio não está acoplado ao da história. A propósito, prevê-se em Salvador que Gilberto Gil deverá ter estrondosa votação para vereador, podendo até superar o candidato que se elegeu prefeito, repetindo-se o caso de Eliana Kertész, mulher do prefeito Mário Kertész, quando do rompimento deste com Antônio Carlos Magalhães - sua votação puxou a eleição de cerca de uma dezena de vereadores.

"Gil cresceu nesse episódio. Seu discurso é convincente, o de Waldir não. Gil é a paixão secreta de numeroso contingente dos eleitores de Salvador. Somos uma cidade cristã. Ele tinha que passar por essa provação, comendo gafanhotos e mel silvestre no deserto", declarou Wally Salomão. Leve-se em conta ainda a qualidade dos que o apóiam e ousaram se manifestar abertamente, como o jornalista e poeta Bêu Machado, parceiro constante de Moraes Mo-

reira e que tem como armas o talento e o caráter. Jogando com o *Passos*, de Gil, ele lamentou que "pessoas nefastas invadam o Paço" (Prefeitura). Ou Luís Paladino, coordenador de produção da Rádio Manchete, que só tocou Gil durante dois dias. A propósito, não consta que analistas políticos oficiais, macaqueadores de Paulo Francis, Paulo Henrique Amorim, Marília Gabriela etc., sejam parceiros dessa produção que, além da altíssima qualidade, preenche dois dias de programação sem se repetir.

Essa investida de resíduos da evolução e da história no calcanhar de quem já entrou na última pela porta da frente serviu, pelo menos, para desvelar Salvador, mostrando-lhe a cara de, ainda que em ritmo de deboche, cidade-irmã de Pretória e Johannesburgo, onde 15% de brancos impõem sua vontade a 85% de negros e mulatos. ●

## Pau no governador

*Com o agitador cultural Wally Salomão, ar e polêmica são quase sinônimos. E os mediocres que o perdoem, mas cultura viva e agilidade mental são fundamentais. É o que ele mostra nesta entrevista exclusiva, em que dissecou a política baiana, começando por afirmar que o governador Waldir Pires vetou mesmo o nome de Gil como candidato do PMDB à Prefeitura de Salvador. Sobre o comportamento do governador: "Ele é sinuoso e nunca explicita o que pretende. Só que ele não engana mais porque todos já sabiam que ele ia tucanar" (bandear para o PSDB).*

*Sobre a trajetória política do governador: "Daria um lindo martirologio. Ele nunca conseguiu se eleger a nada. De repente, uma convergência de circunstâncias lhe dá uma vitória estrondosa que ele, por inapetência para o Poder Executivo, não sabe administrar. Teria sido melhor ele ficar como mártir".*

*A respeito do caráter do governador: "É reacionário e falso moralista. Sua voz pausada, às vezes de doente terminal, às vezes de CNBB, aquele clima de zimbórios, incensos, cantos gregorianos - tudo isso fica bem num santo. Agora,*

*veja bem: santo do pau oco, porque ele é um demônio, com um caráter maquiavélico escondido sob uma máscara de beato de Amargosa" (a terra de Waldir Pires).*

*De campanha e contradição: "O comportamento dele em relação a Gil contradiz o mote de sua campanha, que era a mudança. Não mudou nada. Assim que se viu no poder, ele ficou com a oligarquia dominante, como quem diz: "No nosso latifúndio ninguém mexe".*

*Se a atitude do governador foi certa ou errada: "Um tremendo erro de mídia. Fui eu, com toda a equipe de Gil, quem convenceu Bethânia a gravar o jingle da campanha ("Eu quero ver um tempo novo/De crescer e construir/A Bahia vai mudar/Trabalhando com Waldir", de Walter Queirós). Fui eu quem convenceu Caetano a participar daquele comício apoteótico de encerramento da campanha, cantando uma música do Peninha que diz: "Amanhã será outro dia". Não cometeríamos esse erro outra vez. Eu quero ver agora dona Iolanda Pires (mulher do governador) promover a Feira do Interior (importante acontecimento musical da Bahia) como ela queria, com Gil, Caetano, Gal e Bethânia, numa espécie de Novos Bárbaros rides again. Eu não quero nem convite: faço questão de pagar para ver".*

*A propósito de Virgildásio Sena, cassado em 1964, agora candidato da Frente Salvador a prefeito (recebeu o apoio de Waldir): "Ele não é progressista coisa nenhuma. Foi um equívoco dos militares. Na época em que foi cassado, distribuía a sopa do Zarur para os mendigos do Terreiro de Jesus".*

*Sobre a candidatura de Gil: "Uma honra para Salvador. Basta dizer que Philippe Rault, organizador dos festivais de Montreux e New Orleans, lastimou a decisão de Gil de se candidatar, por achar que, mais do que qualquer outro artista brasileiro, ele reúne condições para fazer fulgurante carreira internacional. Haja vista que Touche pas mon pote se converteu em hino contra o racismo na França".*

*Dos desdobramentos da posição do governador. "Quem saiu ganhando com isso e vai crescer é Miguel Arraes, que sempre venceu. Observe que, antes de 1964, Waldir não tinha sido eleito, e ele, sim. Além disso, Arraes herdou a habilidade de Getúlio, que fundou o PSD para a oligarquia e o PTB para os assalariados. Ele tem conseguido satisfazer os dois lados. Waldir optou pelos ricos e brancos".*

A.M.





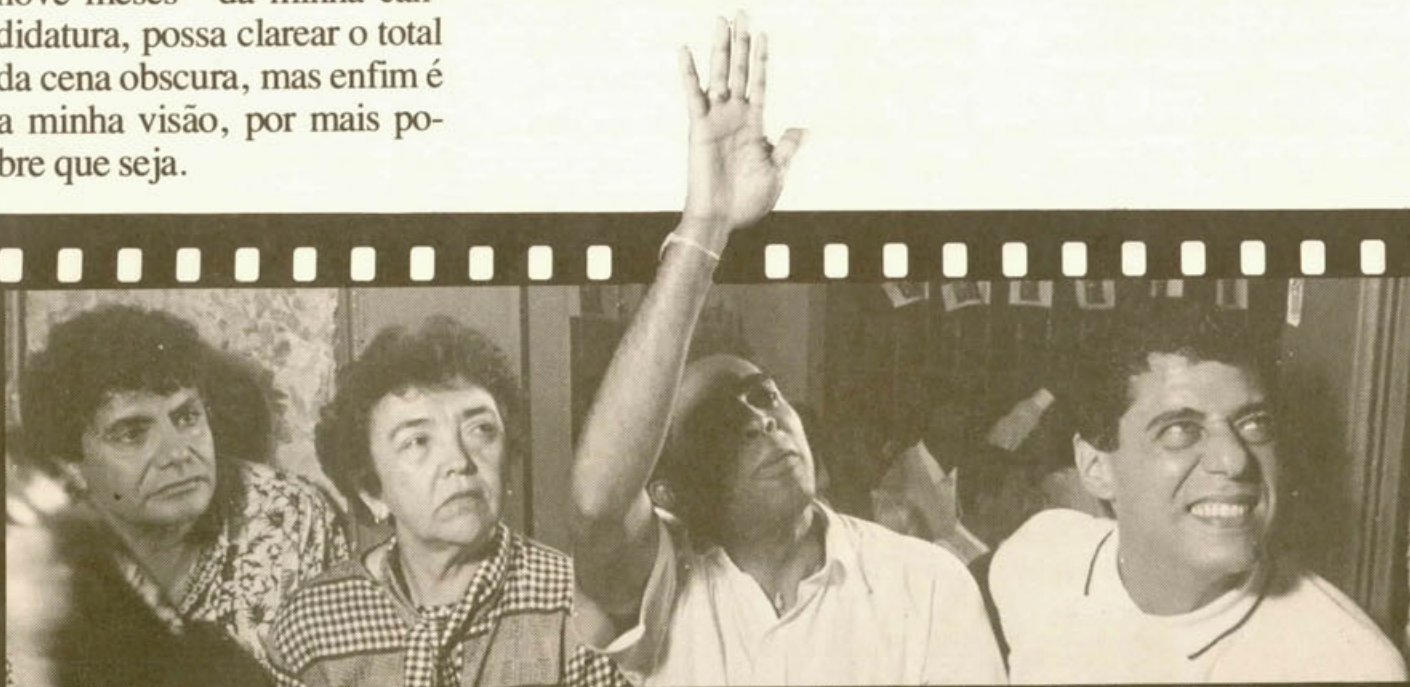
“Ao inaugurarmos hoje nosso comitê, o clássico quartel-general das batalhas políticas, eu, que pela primeira vez enfrento as agruras deste tipo de guerra, quero saudar e agradecer a todos os amigos, colegas de todas as áreas de atuação comum, aos representantes da cidade, do seu povo, de sua vida política - entendida aqui como a participação coletiva em todos os múltiplos processos de decisão na vida cotidiana, da família aos partidos. Em especial, agradecer a Chico Buarque e Violeta Arraes por emprestarem a luz das suas envergaduras espirituais para iluminar nosso pequeno cenário

Gostaria de aproveitar aqui a oportunidade para, em lugar de considerarmos os vários significados dos compromissos que de agora em diante resolvemos ter, falar sobre o imbrólio da escolha do candidato do PMDB, que ainda hoje permanece uma interrogação, e uma polêmica para quase todos. Não que a minha compreensão dos fatos, envolvendo o “aborto de nove meses” da minha candidatura, possa clarear o total da cena obscura, mas enfim é a minha visão, por mais pobre que seja.

# GIL SOLTA O VERBO



*Inauguração do Comitê  
Rio Vermelho - setembro, 1988.*





Mário Kertész e Waldir Pires acabam sendo os personagens mais evidentes. Papéis principais da teatralização política da soterópolis. Para mim e pra todo mundo ficou de imediato evidente, naquela manhã da indicação do candidato, o que chamei o recuo de Mário diante da candidatura Gil. Muitos o interpretam como veto e se irritam ou se decepcionam porque eu não o faço.

Mário, em tese, teria condições de fazer qualquer candidato. Não havia porque recuar diante de um nome que fosse de sua escolha. Recuar seria, portanto dar um veto. No meu entender, porém, Gil não era um nome que Mário, ainda que quisesse, pudesse fazer sozinho - e não preciso analisar aqui a complexidade política da minha candidatura vista do ângulo da realidade. Gil precisava do povo, que precisava, subsidiário que é das classes dominantes, do apoio da elite política: vereadores, deputados e do líder maior Waldir Pires: Gil precisava do empresariado que já refugava através de segmentos expressivos; Gil precisava da mídia e conhecemos a posição de alguns dos mais importantes órgãos da imprensa

local: enfim, Gil era uma candidatura sem respaldo próprio. Teria que ser prestigiado. E Waldir Pires seria fundamental como fundamental seria Mário Kertész.

O desapoio de Waldir Pires desequilibrava dramaticamente o tabuleiro - desapoio claro não só pela reserva pessoal do governador, como de seus procedimentos velados ou manifestos veiculados pelos seus colaboradores. No caso Gil, ficava evidente que Mário Kertész não poderia fazer qualquer um. E veio o recuo.

Muitos argumentam que no lugar de Mário teriam indicado Gil de todo modo. Gil na marra. Mas outros teriam feito o que Mário fez. Naquela noite quando Mário, através de assessores ao telefone, mandava me prevenir do dramático desapoio, orquestrado e posto em execução com todo vigor naqueles últimos momentos, mandei dizer a ele que ficasse à vontade e fizesse o que tinha que ser feito: responder às pressões como fosse possível, na marra ainda, uma outra marra, chamada Fernando José. E não vou aqui entrar nesse mérito, terei tempo para fazê-lo durante a campanha.

Não posso, portanto, sair por aí dizendo que Mário me vetou. Vetar seria rejeitar diretamente, trabalhar contra minha candidatura na mesa de negociação, e a mim cabe o direito de julgar, por tudo que conheço de Mário e do processo em causa, que ele não o fez. Fizeram-no, sim, outras áreas do partido e Waldir Pires, ele mesmo, com seus assessores e/ou articuladores. O "demérito" de Mário, se assim quisermos, foi ter recuado, pois acuado, de uma candidatura que todos nós víamos como desafio, uma audácia, uma convocação ao arrojo, uma esperança do povo negro no Centenário da Abolição, um repto de mudança à classe política. Mas foi Waldir Pires que não quis. E é a isto que chamo veto.

O veto que forçou Mário ao recuo não veio do seu coração político. Veio de fora e foi aceito por sua razão. Vocês hão de dizer que Mário é um homem dividido. Mas todo político, todo líder é. E Mário, próximo a tudo que significamos, merece meu crédito. Espero que a sua história política transforme este meu investimento em caminhada para uma nova sociedade.”





*messiânica num discurso que dilui a realidade das classes sociais. Um mito de povo, encarado como entidade homogênea, é o ponto central da ideologia populista. Povo mítico, idealizado, visto como encarnação do bem e da autenticidade nacional. E esta ideologia é maniqueísta: quem não é povo, é inimigo do povo. Logo, o demônio (o antipovo) é a elite cosmopolita, exploradora, alienada e alienante.*

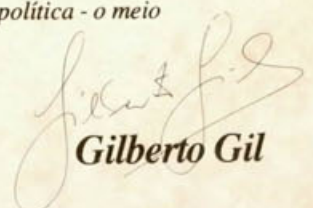
*Em sua visão do povo como entidade homogênea, o populismo é incapaz de compreender a pluralidade de interesses dos diversos setores da população. Mas a democracia só se realizará se reconhecer esta diversidade e torná-la base mesma da convivência social. Negros, mulatos, mulheres, "terceira idade", desempregados, proletários, trabalhadores rurais, empresários, etc, são condições sociais que devem ter expressão política específica na construção do novo discurso democrático. Esta é a condição essencial da representação política mais sólida e da legitimidade das instituições democráticas. Fora disso, não teremos mais que demagogia e mistificação.*

*Isto posto, dizer que sou populista é passar atestado de ignorância. Jamais defini a grande contradição social em termos de quem é povo e quem não é povo. A perspectiva democrático-popular nunca significou para mim o cultivo do mito lírico de um povo puro e homogêneo. Do mesmo modo, sempre combati as distorções do nacionalismo, ao tempo em que estou empenhado nas formas de organização social como meio para superar o sonambulismo das massas hipnotizadas pelo Grande Líder. Enfim, são muitos os elementos da minha experiência e do meu pensamento que me afastam da idealização populista do maniqueísmo social, do caudilhismo, da redução do poder ao carisma autoritário e paternalista. Podem ir baixando o tom de voz: não sou, nunca fui populista. Quem pensa o contrário, não sabe do que está falando ou, o que é mais grave, não quer saber do que está falando.*

*No coração mesmo da minha campanha rebrilha a alma do socialismo. Socialismo no sentido do incremento da participação popular, apontando para a superação das insuficiências atuais das instituições democráticas e para a necessidade da reconstrução social em bases comunitárias. Socialismo no sentido de civilizar a capital, com o redimensionamento da questão da propriedade e a tendência ideal para uma equidistribuição da riqueza nacional. Socialismo no sentido do pluralismo democrático. Socialismo que se define neste momento, sobretudo na luta pela ampliação e consolidação dos direitos sociais, de modo que estes garantam um mínimo de bem-estar sócio-econômico (moradia, trabalho, educação, saúde) - e garantam ainda a qualidade de vida (questão ecológica) e a igualdade entre os sexos e entre as raças. É isto o que represento. E é a partir desta perspectiva socialista que posso descortinar e propor alianças, com o objetivo fundamental de vencer as eleições.*

*Mas o fato de não ser populista não significa que eu não veja pontos de identidade entre o meu projeto e o projeto populista. É em cima desses pontos que é possível estabelecer alianças. A característica mais saliente da República Populista (1945-64), no contexto da urbanização do país, foi a extensão da cidadania através do voto. Um avanço no terreno dos direitos políticos, com as classes populares ingressando no jogo político e desmantelando a política oligárquica. O populismo foi assim responsável pela destruição de um universo político fechado, restrito a poucos atores, e pela conseqüente multiplicação das instâncias participativas. As massas, embora com participação insatisfatórias no plano da representação, invadiram o espaço da política brasileira. Este é um mérito nada insignificante, só não reconhecido pela ortodoxia esquerdista e pelo moralismo udenista, ambas expressões de temor diante das massas.*

*É com esta dimensão do populismo que nos identificamos: a ampliação das instâncias participativas, inclusive para nocautear o atual neoligarquismo que não ousa dizer o seu nome. A verdade é que a população de Salvador está carente de canais de participação. Se os políticos não têm sido satisfatoriamente esse canal, e se outros - demagogicamente ou não - abriram possibilidades participativas e se legitimaram junto à população, cabe aos políticos e aos partidos, que querem dar um sentido histórico à sua ação, incorporar o clamor popular. E não, ao contrário, se fecharem como donos da representação popular, confundindo populismo com qualquer tipo de popularidade. O certo é que todos têm hoje a impressão de que política é o fim. E o que precisamos é fazer - da política - o meio*

  
**Gilberto Gil**



## *Pode Waldir?*

*Pra Prefeito, não  
Pra Prefeito, não  
E pra vereador,  
Pode Waldir, pode Waldir, pode Waldir?*

*Prefeito ainda não pode porque é cargo de  
chefia e na cidade da Bahia, Chefe! Chefe  
tem que ser dos tais.*

*Senhores, Professores, Magistrados,  
Abastados, Ilustrados, Delegados, ou  
apenas Senhores Feudais.*

*Para um poeta ainda é cedo, ele tem medo  
que o poeta venha por lenha na fogueira de  
São João.*

*Se é poeta veta; Se é poeta corta; Se é poeta,  
fora!*

*Se é poeta, nunca! Se é poeta, não.  
(Refrão)*

*O argumento é que o momento é delicado e  
prum pecado  
desse tipo pode não haver perdão.*

*Mudança é arriscado, muda-se o palavreado,  
mas o indicado, isso ele não muda não.*

*O indicado deve ser do tipo moderado,  
com um mofo do passado, peça do Status  
Quo.*

*Se é poeta, veta: Se é poeta, corta; Se é poeta,  
fora;*

*Se é poeta, nunca! Se é poeta, ó!  
(Refrão)*

*O certo poderia ser o voto no Zelberto  
Mas examinando mais de perto ele tem que  
duvidar.*

*A dúvida de que a Bahia tenha um dia tido a  
primazia  
de nos dar folia, de nos afrocivilizar.*

*Pra ele a civilização é a França que balança  
no seu peito de homem direito, homem de jeito  
sutil.*

*Se é poeta, veta; Se é poeta, corta; Se é poeta  
fora!*

*Se é poeta, nunca!  
Se o poeta é Gil*